Existe trabalho de excelência no nosso país

Entrevista: Helena Peixoto
Fotografia: Egídio Santos

Vítor Manuel Araújo de Oliveira tem 44 anos e é Investigador Principal no Centro de Investigação do Território, Transportes e Ambiente (CITTA) da FEUP. O seu percurso académico começou na Faculdade de Arquitetura (FAUP), onde se licenciou, mas depois de concluir o Mestrado em Planeamento e Projeto do Ambiente Urbano, um curso de colaboração FAUP/FEUP, não mais deixou a Engenharia. Doutorou-se em 2008 em Engenharia Civil e em 2002 integrou o CITTA, onde se dedica à temática em que é especialista - a Morfologia Urbana.

E como é que alguém faz investigação é, em simultâneo, Professor Auxiliar na Universidade Lusófona do Porto, Secretário Geral do International Seminar on Urban Form, Membro do Editorial Board da revista Urban Morphology, Presidente da 'Rede Lusófona de Morfologia Urbana', Membro do Quadro Editorial em várias revistas e ainda responsável pelo lançamento de quatro livros no espaço de um ano? Fomos tentar descobrir.

Nota biográfica

Licenciado em Arquitetura (FAUP) e Doutorado em Engenharia Civil (FEUP), Vítor Oliveira é Membro Integrado e Investigador Principal no CITTA (entrou para o centro em 2002). As suas principais áreas de investigação são a morfologia urbana, o planeamento urbano, a arquitetura e as cidades. Dentro destas temáticas, o investigador é autor de cerca de 200 publicações e comunicações, incluindo 32 artigos publicados em revistas internacionais listadas no Scopus ou ISI. Vítor Oliveira tem trabalhado em diferentes projetos de investigação financiados por entidades nacionais e internacionais e tem integrado vários comités científicos e de organização de conferências internacionais – incluindo o 21º 'International Seminar on Urban Form'. Em 2016 publicou o livro 'Urban morphology. An introduction to the study of the physical form of cities' (Springer), um manual sobre morfologia urbana utilizado pelo investigador em cursos em dez universidades em Portugal, Brasil, Espanha e China. Os seus últimos livros são 'Teaching urban morphology' e 'JWR Whitehand and the historico-geographical approach to urban morphology'.

Porquê a escolha do CITTA e da 'Morfologia Urbana' como área de estudo?
Em 2002 ingressei no Mestrado em Planeamento e Projeto do Ambiente Urbano. Quase em simultâneo abriu uma bolsa de investigação para o CITTA, que dava os seus primeiros passos. Consegui a bolsa e trazia já comigo uma enorme paixão por cidades, em particular pela forma física das cidades: as ruas, os quarteirões, as parcelas e os edifícios (os especiais e os comuns). E se já tinha como referência chave um notável professor da FAUP – Alfredo Matos Ferreira, encontrei na FEUP o professor Paulo Pinho (responsável pelo CITTA) que, literalmente, me ensinou a fazer investigação e foi, inclusive, o meu orientador das teses de mestrado e doutoramento. Como 'pano de fundo', o Centro deu-me multidisciplinariedade para analisar um objeto tão complexo como a cidade e a FEUP as condições institucionais para começar a construir o meu espaço num contexto alargado.

Como definiria as suas principais funções no centro?
Neste momento tenho dois projetos em mãos. O primeiro chama-se *Spatial Planning for Change* (SPLACH) e consiste num projeto que envolve o Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) e a Universidade de Aveiro: tem como objetivo partir de uma leitura atenta do território nacional para preparar um compêndio de políticas urbanas. Eu estou a coordenar uma das linhas do projeto, dedicado à influência da forma urbana sobre o metabolismo da cidade. O segundo projeto, *Emerging Perspectives on Urban Morphology* (EPUM), envolve mais quatro parceiros Europeus e procura combinar diferentes abordagens em morfologia urbana (diferentes modos de olhar para a forma física das cidades) através do ensino. Estou a coordenar a participação da FEUP, contribuindo com o meu conhecimento sobre uma dessas abordagens, designada como histórico-geográfica.

Qual 'O projeto' que sonha um dia desenvolver (ou que já está a concretizar) no CITTA?
Gostaria muito de desenvolver um olhar abrangente sobre o Passado, o Presente e os possíveis Futuros da cidade, tornando evidente o impacto da forma urbana nas diferentes dimensões da nossa vida diária no espaço urbano. Em 2018 apresentei uma candidatura à Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) centrada neste projeto – intitulado Morpho –, e consegui financiamento. O projeto acaba de arrancar.

Como é que se consegue publicar quatro livros no espaço de apenas um ano?
Em primeiro lugar, é muito importante perceber que são quatro livros publicados no mesmo ano, mas cuja preparação começa em anos diferentes. O facto de terem saído todos em 2018 é uma coincidência! Desde 2011 que tenho mantido uma média de um livro por ano.
Em segundo lugar e não menos importante, referir que todos os livros são fruto de trabalho de equipa. Eu monto o projeto, coordeno o processo e sou autor de alguns capítulos em cada um dos livros, mas recebo contributos de um conjunto de colegas. Por exemplo, o último destes livros, que lançamos em Birmingham em meados de dezembro de 2018, foi *JWR Whitehand and the historico-geographical approach to urban morphology*. O livro é uma reflexão sobre o contributo de um geógrafo britânico, Jeremy Whitehand, para uma abordagem específica em morfologia urbana. Após um período de investigação escrevi um capitulo em que identificava cinco dimensões em que este contributo podia ser decomposto. Ao invés de escrever os cinco capítulos, explorando detalhadamente essas cinco dimensões, convidei as cinco pessoas que me pareciam estar em melhores condições para explorar essas dimensões.

O seu trabalho é já reconhecido a nível internacional. Um dos seus livros está inclusivamente a ser traduzido para Persa! Qual a 'sensação' de chegar ao mundo?
Sim, *'Urban morphology: an introduction to the study of the physical form of cities'* está a ser traduzido para Persa e está a ser muito bem aceite – o seu formato digital tem quase 20.000 downloads pagos! Um dos países onde tem despertado maior interesse é o Irão e uma das razões fundamentais prende-se com a inexistência de livros com este carácter abrangente e introdutório ao campo da morfologia urbana. O livro consiste num manual para um curso de

> ***'Urban morphology: an introduction to the study of the physical form of cities'*** **está a ser traduzido para Persa e está a ser muito bem aceite – o seu formato digital tem quase 20.000 downloads pagos**

Morfologia Urbana e, além de Portugal, já dei este curso no Brasil, na China e em Espanha. Um dos meus artigos já tinha sido traduzido para Mandarim, mas esta é a primeira vez que vejo um livro meu ser traduzido para uma língua que não o Inglês ou o Português. Há muita dedicação envolvida no meu trabalho de investigação e é muito gratificante ver o esforço e qualidade dos resultados reconhecidos por diferentes pessoas em diferentes continentes.
Adicionalmente, este reconhecimento internacional permite-me trabalhar com pessoas com diferentes 'culturas urbanas' (quer em projetos quer na orientação de Doutoramentos) e lidar com diferentes objetos (cidades). Pela natureza especifica da Morfologia Urbana, a diversidade da amostra permite-me perceber cada vez melhor o objeto 'cidade'.

O CITTA é também um centro com reconhecimento nacional e internacional. Porquê?
Identificaria três causas fundamentais. Em primeiro lugar, a liderança do Prof. Paulo Pinho, que ao longo desta década e meia, e entre altos e baixos por que o país e o centro passaram, foi sempre capaz de tomar as decisões estratégicas mais acertadas, não só em termos de conteúdos científicos, mas também em termos de captação de recursos humanos e financeiros. Em segundo lugar, destacar a equipa de investigadores que integram o Centro – juntos temos desenvolvido investigação fundamental na área do Planeamento e Transportes. Nos últimos cinco anos os investigadores do CITTA foram responsáveis por 40% dos artigos nacionais nestas duas áreas e cada investigador do centro publicou anualmente um número de artigos acima da média europeia! Por fim, destacaria a importância institucional das duas instituições que suportam o centro de investigação: a FEUP e a Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra (FCTUC).

Portugal está no bom caminho em termos de investigação na área da Morfologia Urbana?
A criação da 'Rede Lusófona de Morfologia Urbana' / 'Portuguese-language Network of Urban Morphology (PNUM)' em 2010 veio tornar evidente uma premissa: existe trabalho de excelência no nosso país, seja em centros de investigação onde a morfologia urbana tem um papel mais ou menos central, ou em trabalhos desenvolvidos por investigadores a nível individual. Diria que os desafios mais aliciantes que se colocam a este trabalho de investigação nos próximos anos passam por conseguir uma melhor comunicação dos seus conteúdos, evidenciando o contributo que esta área do conhecimento pode dar à nossa vida e aumentar a influência sobre o planeamento e o desenho da forma física das nossas cidades.

Defende que a Morfologia Urbana e a prática profissional do Planeamento e Arquitetura devem ser indissociáveis. Porquê?
A morfologia urbana fornece 'conhecimento' para 'agir' sobre a forma física das cidades, que é um dos propósitos do Planeamento e da Arquitetura. Naturalmente, este conhecimento adquire múltiplas expressões. Apenas um exemplo: o modo como utilizamos o recurso 'solo' nas nossas cidades. Ao estudar esta questão centro-me no papel de um dos principais elementos de forma urbana, o lote, e na diversidade formal e social que conseguimos quando dividimos os nossos quarteirões num número elevado de lotes de frente estreita. A análise do elemento 'lote' em diferentes cidades, em diferentes tempos históricos, dá-nos o conhecimento necessário para fornecermos orientações para a prática de Planeamento e de Arquitetura. Não só defendo isso na teoria como vivo num desses lotes de frente estreita, numa casa com um desenho contemporâneo (projetada por mim e pela minha mulher, que é Arquiteta), com um conjunto de inputs da morfologia urbana, em que cada opção arquitetónica resulta de uma lição do passado.

Quem é a sua inspiração nesta área?
A minha grande inspiração em Morfologia Urbana é o geógrafo britânico Jeremy Whitehand, com quem me orgulho de manter uma grande proximidade, quer a nível pessoal quer a nível institucional. Nenhuma outra pessoa, a nível internacional, fez tanto por esta área do conhecimento como ele! Ao longo das últimas décadas tem vindo a contribuir para a definição disciplinar da Morfologia Urbana. Dentro desta definição abrangente, e com base no trabalho de um outro geógrafo – MRG Conzen, Whitehand propôs uma teoria da forma urbana marcada por uma perspetiva histórico-geográfica. Dentro desta teoria, abriu um conjunto de linhas de investigação, formulou e desenvolveu conceitos e métodos para descrever, explicar e planear a forma física da cidade.

citta.fe.up.pt